



V CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA E FORMAÇÃO DOCENTE - CIMFor

Temas emergentes em Educação: Docência em movimento no contexto atual
10 a 13 de setembro de 2024

TECENDO A MODA INCLUSIVA: A CONFECÇÃO DA LUTA ANTICAPACITISTA COM ESTUDANTES DE LICENCIATURA, MODA E ENGENHARIA TÊXTIL

Kimberly Soares de Andrade¹
Grazyella Cristina Oliveira de Aguiar²
Fabiana Schmitt Corrêa³
Renata Orlandi⁴

Resumo

O objetivo deste trabalho é problematizar uma ação de ensino-extensão endereçada ao processo formativo e ao engajamento na esfera dos Direitos Humanos de licenciandos em Química e Matemática, bem como de bacharelados em Engenharia Têxtil e Moda no que tange à Educação e à Moda Inclusiva. Para tanto, foram sistematizados e executados dois desfiles de moda inclusiva, englobando também o desenvolvimento de tecnologias assistivas relativas à moda inclusiva e à acessibilidade de ambos os eventos. Um dos desfiles foi realizado como parte das ações atreladas à feira de empregos para pessoas com deficiência e outro foi vinculado à inauguração de uma cafeteria inclusiva, empreendimento social também dedicado à empregabilidade de pessoas com deficiência. Buscou-se promover a inclusão, aumentar a visibilidade das pessoas com deficiência e fomentar a educação inclusiva. Além disso, o desfile inclusivo destacou a moda inclusiva, sensibilizando o público para a diversidade e a necessidade de atender a todos.

Palavras-chave: Educação Inclusiva; Moda inclusiva; Capacitismo; Direitos Humanos.

Eixo Temático: Formação social, Educação e Direitos Humanos (eixo 2).

1 Graduada em Pedagogia pelo Instituto Federal Catarinense, Campus Blumenau. Email: kimberllysoares0111@outlook.com.

2 Professora adjunta da Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Blumenau. Email: grazyella.oliveira@ufsc.br.

3 Professora assistente da Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Blumenau. E-mail: fabiana.s.c@ufsc.br.

4 Professora adjunta da Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Blumenau. E-mail: renata.orlandi@ufsc.br.

INTRODUÇÃO

A articulação entre ensino, pesquisa e extensão é crucial para a formação de universitários críticos e engajados com a transformação social. Por meio de atividades extensionistas, a universidade estabelece um vínculo com a comunidade, prestando serviços e promovendo ações educativas endereçadas, prioritariamente, a grupos vulneráveis. No cenário da inclusão de pessoas com deficiência, considerando o perfil formativo do campus de Blumenau da UFSC, o qual é fortemente voltado às ciências exatas, estudantes de engenharia (neste caso, Têxtil) e licenciaturas (em Química e Matemática) podem aprender coletivamente, compartilhando conhecimentos e experiências, de modo a colaborar com a projeção de espaços acessíveis e igualitários. Assim, busca-se cumprir a missão da universidade com a formação de cidadãos conscientes e comprometidos com a efetivação dos direitos humanos.

A compreensão científica da deficiência avançou ao longo do tempo, passando de um modelo médico, circunscrito a uma perspectiva patologizante do indivíduo, para um modelo social, com vistas à acessibilidade. Segundo o Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015), a deficiência resulta da interação entre especificidades do sujeito e barreiras sociais. Essa abordagem enfatiza a necessidade de eliminar obstáculos ambientais e atitudinais, promovendo a inclusão.

Neste sentido, promover o desenho universal e tecnologias assistivas, fornecer os suportes necessários, bem como reconhecer a diversidade das possibilidades humanas de vir a ser, são passos fundamentais para garantir que todas as pessoas possam participar plenamente da vida em sociedade, conforme preconiza o conceito de inclusão de Sasaki (2006). Segundo Sasaki (2006, p.28), "[...] a inclusão significa que todas as pessoas, independentemente de suas características físicas, sensoriais, intelectuais, sociais ou emocionais, têm o direito de participar plenamente de todos os aspectos da vida em sociedade".

A ideia equivocada na esfera do senso comum de que a inclusão das pessoas com deficiência está associada, exclusivamente, às ciências humanas, especialmente, aos cursos de licenciatura, deve ser combatida. Profissionais de todas as áreas, englobando as engenharias, devem estar capacitados para atender às demandas de pessoas com deficiência, garantindo que suas produções e inovações, a exemplo de artefatos têxteis, sejam projetadas com tecnologias assistivas ou, preferencialmente, um desenho universal. O artigo 1º da Lei nº 13.146 (BRASIL, 2015) institui:

Art. 1º É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania.

Nesse contexto, nasce a moda inclusiva para tentar atender diferentes corpos, biotipos e necessidades. A moda inclusiva, segundo a Cartilha de Moda Inclusiva da Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SÃO PAULO, 2012), visa incluir corpos que até então essa indústria não contemplava, quando se produzia artigos voltados para padrões estéticos naturalizados: corpos altos e magros, sem barreiras físicas, visuais, intelectuais. Tendo como base os princípios do desenho universal, os produtos são desenvolvidos para que todas as pessoas possam usar, ou seja, por pessoas com ou sem deficiência.

Segundo Carletto e Cambiaghi (2008), os princípios do Desenho Universal basicamente norteiam o desenvolvimento de produtos ou ambientes que devem ser acessíveis para todas as pessoas, independentemente de suas características pessoais, idade ou habilidades, criando maior autonomia para todos que deles usufruem. Basicamente os sete princípios do Desenho Universal, de acordo com Carletto e Cambiaghi (2008) consistem em: uso equitativo e igualitário, uso flexível e adaptável, uso simples e intuitivo, informações de fácil percepção, tolerante ao erro e seguro, mínimo esforço físico e uso abrangente. Esse novo conceito de moda visa facilitar o cotidiano das pessoas com ou sem deficiência apresentando novas soluções e inovações em modelagens de peças e acabamentos que representem conforto, comodidade e mais autonomia para quem veste. Para desenvolver produtos de moda mais inclusivos, deve-se pensar em uma série de facilidades, como aberturas, fechamentos diferenciados, recortes, deslocamento de costuras e bolsos, bem como o uso de novos materiais, inovando tanto na funcionalidade quanto na estética, permitindo a execução de atividades motoras, trazendo conforto, maior autonomia e qualidade de vida.

Em se tratando do contexto educacional, conforme Mantoan (2003), a inclusão transcende a presença física de alunos com deficiência em salas de aula regulares, tratando-se de uma mudança de paradigma que exige uma reformulação das práticas pedagógicas e a adoção de estratégias que promovam a participação ativa e o desenvolvimento de todos os alunos. Além disso, Vygotsky (1978) enfatiza que o desenvolvimento humano é um processo social e que a aprendizagem ocorre por meio da interação com outros e com o ambiente. Portanto, investir na formação docente continuada na esfera dos direitos huma-

nos e adaptar currículos para refletir uma abordagem mais inclusiva são passos essenciais para garantir uma educação de qualidade para todos.

Conforme Pletsch (2009), a formação inicial de professores deve proporcionar uma compreensão aprofundada das políticas de inclusão, das características das diferentes deficiências e das estratégias pedagógicas inclusivas. A articulação entre teoria e prática é essencial para que os futuros professores possam aplicar os conhecimentos adquiridos em situações concretas, adaptando suas práticas pedagógicas às necessidades dos alunos com deficiência. Tardif (2002) destaca a importância da reflexão crítica sobre a prática docente como um meio de promover a aprendizagem profissional contínua. Ao vivenciar situações reais de inclusão durante a formação, os futuros professores podem desenvolver uma compreensão mais profunda e prática da teoria, bem como adquirir confiança e competência para lidar com a diversidade em sala de aula. O investimento na esfera da inclusão não apenas melhora a qualidade da educação para alunos com deficiência, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, onde todos os indivíduos têm a oportunidade de exercer sua cidadania e desenvolver-se plenamente.

DESENVOLVIMENTO

Conforme o Plano Nacional de Educação 2014-2024 (Lei 13.005/2014), a curricularização da extensão universitária preconiza a criação de programas e projetos de Extensão alinhados às demandas da sociedade, considerando as interfaces com o perfil de cada curso. Neste sentido, a mesma temática de um projeto de extensão pode promover um diálogo interdisciplinar e a articulação entre a formação de licenciandos e acadêmicos de engenharia.

O presente relato de experiência versa sobre três ações extensionistas atreladas à Educação e à Moda Inclusiva, consistindo em dois desfiles planejados com intencionalidade pedagógica atrelados ao desenvolvimento de tecnologias assistivas têxteis. Tais propostas reforçam a necessidade de profissionais em todas as áreas do conhecimento estarem capacitados para refletir sobre o desenho universal e adaptações de processos, ambientes, produtos e serviços.

O primeiro desfile inclusivo relacionado a este relato foi realizado durante uma feira de empregabilidade para pessoas com deficiência no complexo esportivo do Sesi em

Blumenau, Santa Catarina, como parte da programação da Semana Inclusiva de 2018. A Semana Inclusiva, por sua vez, trata-se de um evento coordenado pelo Ministério Público do Trabalho em SC e pelo Ministério do Trabalho e Emprego por meio da Auditoria Fiscal do Trabalho (cuja equipe será aqui representada pelo nome da auditora fiscal Luciana Xavier Sans de Carvalho). Este projeto teve início em 2015 com um feirão inclusivo de empregos realizado em Florianópolis. A Semana Inclusiva foi organizada e realizada anualmente desde 2016 (a partir de 2022 tornou-se bianual, realizada em anos não eleitorais), englobando a cada edição mais cidades de Santa Catarina. Tal projeto abarca formações pedagógicas na esfera da inclusão e fomento à empregabilidade, sendo sistematizado em parceria com instituições públicas e privadas, entre elas a UFSC, visando à inclusão no mundo do trabalho.

Para tanto, articula-se a aproximação entre pessoas com deficiência e reabilitadas do INSS de potenciais oportunidades de trabalho, por meio da conscientização de empresas e capacitação de trabalhadores, culminando em um feirão de empregos que já colaborou significativamente no aumento da contratação destes trabalhadores. Há 10 anos, antes do início do movimento da rede atrelada à Semana Inclusiva, Santa Catarina estava abaixo da média nacional na inclusão, com pouco mais de 13.000 pessoas com deficiência contratadas e 34% de cumprimento da cota. Atualmente, o percentual de inclusão brasileiro é de 57,5%, enquanto o catarinense é de 64%.

O primeiro desfile aqui problematizado foi realizado a partir de uma parceria entre a Universidade Regional de Blumenau (FURB), Uniasselvi/FAMEG e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e o brechó da Associação de Cegos do Vale do Itajaí (ACEVALI). Este evento promoveu a inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho e deu visibilidade à moda inclusiva. Aborda-se aqui o processo de ensino extensão na perspectiva dos estudantes de licenciatura e bacharelado da UFSC, campus de Blumenau. Os alunos do curso de Engenharia Têxtil da UFSC Blumenau personalizaram as peças que foram desfiladas, a maioria das quais foi disponibilizada pelo Brechó da ACEVALI, enquanto os licenciandos em Matemática e Química desenvolveram a acessibilidade do evento (sistematização da biografia de cada modelo com ênfase na resiliência e ativismo dos mesmos, tradução simultânea em Libras e audiodescrição do evento).

Buscou-se com o evento abordar a inclusão de pessoas com deficiência no mundo do trabalho, bem como as tecnologias assistivas e a sustentabilidade no consumo têxtil

mais consciente. Durante o evento, docentes e estudantes da UFSC buscaram dialogar com os visitantes sobre as atividades de ensino, pesquisa e extensão do campus, distribuíram folhetos informativos sobre os cursos de graduação e pós-graduação ofertados, bem como divulgaram as formas de ingresso na instituição.

Quanto ao desfile propriamente dito, participaram vinte modelos, com vinte looks confeccionados ou customizados, sendo dez pelo curso de Moda da FURB e os outros dez pelo curso de Engenharia Têxtil da UFSC. A maior parte dos looks foram obtidos no brechó da ACEVALI e customizados especificamente para os modelos. Um dos objetivos desta articulação era promover o debate sobre sustentabilidade e divulgar este brechó (segunda maior fonte de renda da Associação). A ACEVALI (Associação dos Cegos do Vale do Itajaí) é uma entidade sem fins lucrativos que promove ações de habilitação e reabilitação na esfera da deficiência visual, englobando lazer, atividades culturais e desportivas.

Entre os modelos havia crianças e adultos com diferentes tipos de deficiência e/ou transtornos, como transtorno do espectro autista, deficiência auditiva e visual, paralisia cerebral, síndrome de Down, deficiência física, nanismo, síndrome de TAR. É importante destacar que algumas deficiências foram representadas por mais de um modelo, como no caso das três pessoas com deficiência visual.

Nesse sentido, os looks desfilados pelas pessoas com deficiência visual foram peças confeccionadas, especialmente, para participar do 5º Prêmio Brasil Sul de Moda Inclusiva e, posteriormente, exibidos em outros eventos. As peças foram desenvolvidas em cocriação com associados da ACEVALI e possuem alguns diferenciais como os decotes das blusas que são mais abertos e possuem a mesma altura tanto na frente, quanto nas costas, pensados para facilitar o vestir. As costuras possuem acabamento limpo para diminuir o desconforto ao contato com a pele. Os tecidos amassam menos, possuem boa transpiração e um toque agradável. Dentre os looks confeccionados destaca-se uma jaqueta que possui dispositivos eletrônicos inseridos na linha do peitoral e dentro do forro. A tecnologia foi criada para auxiliar pessoas com deficiência visual a detectarem barreiras na parte superior do corpo por meio de sensores ultrassônicos que vibram ao se aproximar de um obstáculo.

Durante a organização do desfile, estudantes da UFSC, a partir de entrevistas, sistematizaram biografias dos modelos com aproximadamente 250 caracteres, de modo que sua leitura pudesse ser realizada em cerca de quinze segundos, destacando suas conquistas e interesses, permitindo ao público conhecer um pouco sobre cada pessoa que estava desfi-

lando. Durante esses quinze segundos, também foi selecionada uma música de fundo que contribuiu para destacar a potência do modelo que estava desfilando, vindo a dialogar com elementos da biografia apresentada. Cada palavra, música, interpretação, transcrição, foram realizadas de forma mais sensível e reflexiva possível, para que aqueles que estavam assistindo fossem provocados com relação à luta anti-capacitista.

Essas biografias foram interpretadas em Libras pelos acadêmicos responsáveis por colaborar com a acessibilidade do evento. A narrativa empregada para a apresentação dos modelos foi redigida de modo a evidenciar suas realizações, conquistas, o processo de resiliência no enfrentamento da opressão atrelada à deficiência e, em última análise, o seu lugar de fala na luta anti-capacitista. Além disso, o apresentador do desfile foi uma pessoa cega (Michel Kleinschmidt), o qual transcreveu essas biografias para o Braille e improvisou sua narrativa a partir da audiodescrição simultânea do evento. Importante ressaltar que segundo a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência da ONU (2006), "a conscientização sobre as questões relativas à deficiência é essencial para a promoção do respeito pelos direitos e dignidade das pessoas com deficiência e para combater estereótipos, preconceitos e práticas prejudiciais" (Art. 8).

A UFSC Blumenau também participou do "Desfile Toda Beleza", que aconteceu dentro de um centro comercial de Blumenau. O evento promoveu a visibilidade das pessoas com Síndrome de Down e divulgou a Cafeteria Especial, empresa que busca inclusão social no mundo do trabalho. A universidade colaborou na produção, incluindo a sistematização da acessibilidade do evento, a elaboração da narração (biografias dos modelos), a interpretação em Libras para a comunidade surda e audiodescrição para o público com deficiência visual. O projeto também desenvolveu uniformes sustentáveis para a Cafeteria Especial, com a participação ativa das pessoas com Síndrome de Down no processo de criação.

Com vistas ao desenvolvimento de um produto, faz-se mister que se conheça as demandas do público-alvo. Sendo assim, a escuta dos jovens com Síndrome de Down colaboradores do projeto, foi decisiva. Tais sujeitos participaram de entrevistas e reuniões endereçadas à cocriação dos seus uniformes de trabalho de modo a contemplar as demandas, prioridades e expectativas dos envolvidos. Tal ação foi alinhada às premissas do Desenho Universal, objetivando o desenvolvimento de uniformes capazes de atender aos seguintes critérios: funcionalidade; praticidade no vestir, no exercício laboral e na higienização do-

méstica; conforto e estética. Fizeram parte deste desenvolvimento coletivo os acadêmicos Celina de Oliveira e Felipe Michels, assim como estudantes vinculados ao Laboratório de Ciência, Tecnologia e Inovação (LABCTI/UFSC), contando com a orientação da professora Marilise Luiza Martins dos Reis Sayão. Participaram também da sistematização deste produto as docentes Renata Orlandi e Grazyella Cristina Oliveira de Aguiar, a qual coordenou a esfera técnica do seu desenvolvimento.

Como afirma Sasaki (2006), a inclusão é uma via de mão dupla, que implica não apenas a conscientização da sociedade para acolher a diversidade humana, mas também a acessibilidade às pessoas com deficiência para que possam exercer plenamente seus direitos. Esta ação de extensão visou o deslocamento dos participantes (tanto servidores e estudantes, quanto sujeitos da comunidade externa) de suas respectivas zonas de conforto, configurando-se um potente tempo-espaço pedagógico em um contexto inusitado e oportuno para uma prática social educativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A UFSC Blumenau participou da sistematização e execução de dois desfiles de moda inclusiva, organizados com o intuito de provocar um debate em torno da visibilidade das pessoas com deficiência. Os eventos se tornaram um espaço pedagógico não formal dedicado à problematização da inclusão no mundo do trabalho e da Educação.

Ao longo deste projeto ainda foi realizado o desenvolvimento de uma coleção de uniformes para a Cafeteria Especial, em coprodução com os futuros colaboradores deste empreendimento social, tendo como propósito a provocação de reflexões sobre as diferentes dimensões da sustentabilidade e da acessibilidade. Buscou-se transcender um olhar e um dizer sobre o outro, engendrando a vivência do enaltecimento das relações de alteridade. Para tanto, foi colocado em movimento um bom encontro com este outro, sujeitos até recentemente excluídos do convívio social, sobretudo, do cenário laboral e pedagógico.

Neste contexto, a noção de representatividade e de visibilidade é decisiva para o enfrentamento do capacitismo e a efetivação dos Direitos Humanos. O fazer acadêmico ético e engajado, por sua vez, é crucial no processo de letramento anti-capacitista. Sendo assim, ações de ensino-extensão endereçadas à visibilidade, ao acolhimento e à promoção de

cidadania das pessoas com deficiência, quando sistematizadas em parceria com esta população, configuram-se como potentes ferramentas emancipatórias e de transformação social.

REFERÊNCIAS

ACEVALI, Associação dos Cegos do Vale do Itajaí. Disponível em: <<https://acevali.org/>> Acesso em: 05 jul. 2024.

BRASIL. Decreto. 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Brasília, DF, 2015. Disponível em <www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm> Acesso em: 28 nov. 2018.

BRASIL. Lei 13.005, de 25 de junho de 2014 (2014). Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Recuperado em 12 de agosto, 2014, de <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm> Acesso em: 28 nov. 2018.

BRASIL. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência** (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em: 05 jul. 2024.

CAMBIAGHI, Silvana. **Desenho universal: métodos e técnicas para arquitetos e urbanistas**. 3. ed. rev. São Paulo: SENAC-SP, 2012.

CARLETTO, Ana Claudia; CAMBIAGHI, Silvana. **Desenho Universal: um conceito para todos**. (Realização Mara Gabrielli). São Paulo, 2008.

Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Assembleia Geral das Nações Unidas. 2006. Disponível em: <<https://www.un.org/development/desa/disabilities/convention-on-the-rights-of-persons-with-disabilities.html>>. Acesso em: 05 jul. 24.

Desfile emociona o público na Semana da Inclusão. UFSC Blumenau, 2018. Disponível em:<www.blumenau.ufsc.br/2018/09/25/portugues-do-brasil-desfile-emociona-o-publico-na-semana-da-inclusao> Acesso em: 28 nov. 2018.

DIRETRIZES do desenho universal a habitação de interesse social no Estado de São Paulo: espaço para todos e por toda a vida. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/Cartilhas/manualdesenho-universal.pdf>>. Acesso em: 20 fev.2016.

Estudantes de Blumenau recebem honraria por projeto de inclusão. UFSC Blumenau e Câmara de Vereadores de Blumenau, 2019. Disponível em: <<https://noticias.ufsc.br/2019/08/estudantes-de-blumenau-recebem-honraria-por-projeto-de-inclusao/>> Acesso em: 02 set. 2019.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?.** São Paulo: Moderna, 2003.

PORPROEX, Política Nacional de Extensão Universitária. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX). Manaus, mai. 2012.

PLETSCH, M. D. **A formação de professores para a educação inclusiva: os desafios da legislação.** Revista Brasileira de Educação, 14(40), 94-102, 2009.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos.** Rio de Janeiro: WVA, 2006.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: O paradigma do século 21.** Rio de Janeiro: WVA, 2006. 280 p.

SÃO PAULO. Secretaria dos Direitos de Pessoas com Deficiente. **Moda inclusiva: perguntas e respostas para entender o tema.** Cartilha Digital. Disponível em: http://pessoacomdeficiencia.sp.gov.br/usr/share/documents/MODA_INCLUSIVA_DIGITAL_CARTILHA_FINAL.pdf. Acesso em: 20 mai.2015.

Síndrome de Down: UFSC Blumenau participa de desfile inclusivo “Toda Beleza”. Comunicação UFSC Blumenau, 2018. Disponível em: <https://blumenau.ufsc.br/tag/desfile/> Acesso em: 28 nov. 2018

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis: Vozes, 2002.

VYGOTSKY, L. S. **Mind in Society: The Development of Higher Psychological Processes.** Harvard University Press, 1978.